

Cultura

Resumo

Em nosso cotidiano, tendemos a chamar de “cultura” apenas aquele conjunto de atividades humanas consideradas mais nobres pela sociedade, como o teatro, a música clássica, a alta literatura, o cinema de vanguarda, etc. No nosso dia-a-dia, não costumamos considerar cultural o ato de um sujeito comer pipoca ou lavar louça. Apenas certas atividades “superiores” seriam culturais.

Na antropologia (e, portanto, também na sociologia, que é sua parente próxima) é diferente. Nessa perspectiva, cultura é todo e qualquer elemento da vida humana que não seja natural, isto é, que não seja fruto de nossa própria constituição física, química e biológica. Enquanto o natural é aquilo que o homem realiza espontaneamente, em virtude do seu próprio ser, como respirar, por exemplo; o cultural, por sua vez, é aquilo que é criado pelo homem em sociedade e que, portanto, ele adquire através do seu convívio com os outros: a habilidade de escrever, por exemplo.

Vê-se aqui que, enquanto o sentido cotidiano de cultura é bastante restrito, o sentido antropológico de cultura é bem mais amplo, incluindo sim o comer pipoca e o lavar louça como fenômenos culturais. Por outro lado, é bom lembrar que, por mais que a visão antropológica parta de uma diferenciação entre natureza e cultura, estes dois domínios não são completamente separados, mas, ao contrário, por mais que distintos, estão sempre muito conectados no mundo real. O fato cultural da existência da língua portuguesa, por exemplo, só existe em virtude do fato natural da capacidade humana de falar.

Uma vez que se compreende o conceito de cultura, imediatamente percebe-se que há variadas e inúmeras culturas ao redor do mundo, cada uma com seus respectivos valores, crenças, ideais, etc. Nessa perspectiva percebemos como a cultura define nossa identidade, já que “identidade” é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados uns dos outros, quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes.

Junto ao conceito de Identidade se discute a alteridade (ou outridade), uma concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do “eu-individual” só é permitida mediante um contato com o outro (que em uma visão expandida se torna o Outro - a própria sociedade diferente do indivíduo). Dessa forma eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado que estou pela experiência do contato.

Além disso, é possível perceber também que estas variadas culturas estão em contínuo processo de transformação e que muitas vezes entram em contato entre si, seja de modo pacífico ou conflitivo. Quando duas ou mais culturas distintas entram em contato entre si, fundindo-se e se interpenetrando, estamos diante daquilo que os antropólogos chamam tecnicamente de aculturação. Por sua vez, uma vez ocorrida, a

aculturação tem como consequência a concretização da diversidade cultural ou multiculturalismo, que é precisamente a coexistência de várias matrizes culturais, no interior de um mesmo espaço, ao mesmo tempo. O fato de existirem várias culturas no mundo, mas em lugares diferentes ou épocas diferentes, não é multiculturalismo ou diversidade cultural. Esta só se dá no contexto de uma pluralidade coexistente e não distante.

De um ponto de vista mais teórico, a grande questão motivada pelo multiculturalismo é o problema da hierarquia cultural, isto é, se há ou não culturas superiores e inferiores, se há ou não fenômenos culturais que podem ser considerados de modo justo mais valiosos do que outros. Quanto ao tema, há duas visões fundamentais possíveis. O *etnocentrismo*, concepção muito comum entre os primeiros antropólogos, é a posição daqueles que creem que sim, há valores culturais superiores e, portanto, há sociedades mais civilizadas e com mais progresso do que outras. Por sua vez, o *relativismo cultural*, concepção predominante hoje entre os antropólogos, é aquela que crê que não, não há valores culturais superiores em si mesmos, uma vez que toda avaliação cultural depende do ponto de vista adotado, que, por sua vez, é sempre fruto de uma cultura específica. Nesta visão, o valor das diversas culturas, portanto, é sempre relativo.

Exercícios

1. Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa da Mina (Nagô de Nação), de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida. Dava-se ao comércio — era quitandeira, muito laboriosa e, mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreição de escravos, que não tiveram efeito.

AZEVEDO, E. "Lá vai verso!": Luiz Gama e as primeiras trovas burlescas de Getulino. In: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M. A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (adaptado).

Nesse trecho de suas memórias, Luiz Gama ressalta a importância dos(as)

- a) laços de solidariedade familiar.
- b) estratégias de resistência cultural.
- c) mecanismos de hierarquização tribal.
- d) instrumentos de dominação religiosa.
- e) limites da concessão de alforria.

2.



A memória recuperada pela autora apresenta a relação entre

- a) conflito trabalhista e engajamento sindical.
- b) organização familiar e proteção à infância.
- c) centralização econômica e pregação religiosa.
- d) estrutura educacional e desigualdade de renda.
- e) transformação política e modificação de costumes.

3. Quanto ao “choque de civilizações”, é bom lembrar a carta de uma menina americana de sete anos cujo pai era piloto na Guerra do Afeganistão: ela escreveu que — embora amasse muito seu pai — estava pronta a deixá-lo morrer, a sacrificá-lo por seu país. Quando o presidente Bush citou suas palavras, elas foram entendidas como manifestação “normal” de patriotismo americano; vamos conduzir uma experiência mental simples e imaginar uma menina árabe maometana pateticamente lendo para as câmeras as mesmas palavras a respeito do pai que lutava pelo Talibã — não é necessário pensar muito sobre qual teria sido a nossa reação.

ZIZEK, S. Bem-vindo ao deserto do real. São Paulo: Bom Tempo, 2003.

A situação imaginária proposta pelo autor explicita o desafio cultural do(a)

- a) prática da diplomacia.
 - b) exercício da alteridade.
 - c) expansão da democracia.
 - d) universalização do progresso.
 - e) conquista da autodeterminação.
4. O cidadão norte-americano desperta num leito construído segundo padrão originário do Oriente Próximo, mas modificado na Europa Setentrional antes de ser transmitido à América. Sai debaixo de cobertas feitas de algodão cuja planta se tornou doméstica na Índia. No restaurante, toda uma série de elementos tomada de empréstimo o espera. O prato é feito de uma espécie de cerâmica inventada na China. A faca é de aço, liga feita pela primeira vez na Índia do Sul; o garfo é inventado na Itália medieval; a colher vem de um original romano. Lê notícias do dia impressas em caracteres inventados pelos antigos semitas, em material inventado na China e por um processo inventado na Alemanha.

LINTON. R. O homem: uma introdução à antropologia. São Paulo: Martins. 1959 (adaptado).

A situação descrita é um exemplo de como os costumes resultam da

- a) assimilação de valores de povos exóticos.
- b) experimentação de hábitos sociais variados.
- c) recuperação de heranças da Antiguidade Clássica.
- d) fusão de elementos de tradições culturais diferentes.
- e) valorização de comportamento de grupos privilegiados.

5. Parecer CNE/CP no 3/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Procura-se oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas. Propõe a divulgação e a produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos igualmente tenham seus direitos garantidos.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Disponível em: www.semesp.org.br. Acesso em: 21 nov. 2013 (adaptado).

A orientação adotada por esse parecer fundamenta uma política pública e associa o princípio da inclusão social a

- a) práticas de valorização identitária.
 - b) medidas de compensação econômica.
 - c) dispositivos de liberdade de expressão.
 - d) estratégias de qualificação profissional.
 - e) instrumentos de modernização jurídica.
6. No dia 1º de julho de 2012, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se a primeira do mundo a receber o título da Unesco de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural. A candidatura, apresentada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), foi aprovada durante a 36.ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial. O presidente do Iphan explicou que “a paisagem carioca é a imagem mais explícita do que podemos chamar de civilização brasileira, com sua originalidade, desafios, contradições e possibilidades”. A partir de agora, os locais da cidade valorizados com o título da Unesco serão alvo de ações integradas visando à preservação da sua paisagem cultural.

Disponível em: www.cultura.gov.br. Acesso em: 7 mar. 2013 (adaptado).

O reconhecimento da paisagem em questão como patrimônio mundial deriva da

- a) presença do corpo artístico local.
- b) imagem internacional da metrópole.
- c) herança de prédios da ex-capital do país.
- d) diversidade de culturas presente na cidade.
- e) relação sociedade-natureza de caráter singular.

7. No final do século XIX, as Grandes Sociedades carnavalescas alcançaram ampla popularidade entre os foliões cariocas. Tais sociedades cultivavam um pretensioso objetivo em relação à comemoração carnavalesca em si mesma: com seus desfiles de carros enfeitados pelas principais ruas da cidade, pretendiam abolir o entrudo (brincadeira que consistia em jogar água nos foliões) e outras práticas difundidas entre a população desde os tempos coloniais, substituindo-os por formas de diversão que consideravam mais civilizadas, inspiradas nos carnavais de Veneza. Contudo, ninguém parecia disposto a abrir mão de suas diversões para assistir ao carnaval das sociedades. O entrudo, na visão dos seus animados praticantes, poderia coexistir perfeitamente com os desfiles.

PEREIRA, C.S. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas Grandes Sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, M.C.P. Carnavais e outras festas: ensaios de história social da cultura. Campinas: Unicamp; Cecult, 2002 (adaptado).

Manifestações culturais como o carnaval também têm sua própria história, sendo constantemente reinventadas ao longo do tempo. A atuação das Grandes Sociedades, descrita no texto, mostra que o carnaval representava um momento em que as

- a) distinções sociais eram deixadas de lado em nome da celebração
 - b) aspirações cosmopolitas da elite impediam a realização da festa fora dos clubes.
 - c) liberdades individuais eram extintas pelas regras das autoridades públicas.
 - d) tradições populares se transformavam em matéria de disputas sociais.
 - e) perseguições policiais tinham caráter xenófobo por repudiarem tradições estrangeiras.
8. Quando ninguém duvida da existência de um outro mundo, a morte é uma passagem que deve ser celebrada entre parentes e vizinhos. O homem da Idade Média tem a convicção de não desaparecer completamente, esperando a ressurreição. Pois nada se detém e tudo continua na eternidade. A perda contemporânea do sentimento religioso fez da morte uma provação aterrorizante, um trampolim para as trevas e o desconhecido.

DUBY, G. Ano 2000 na pista do nossos medos. São Paulo: Unesp, 1998 (adaptado).

Ao comparar as maneiras com que as sociedades têm lidado com a morte, o autor considera que houve um processo de

- a) mercantilização das crenças religiosas.
- b) transformação das representações sociais.
- c) disseminação do ateísmo nos países de maioria cristã.
- d) diminuição da distância entre saber científico e eclesiástico.
- e) amadurecimento da consciência ligada à civilização moderna.

9. Os Yanomami constituem uma sociedade indígena do norte da Amazônia e formam um amplo conjunto linguístico e cultural. Para os Yanomami, urihi, a “terrafloresta”, não é um mero cenário inerte, objeto de exploração econômica, e sim uma entidade viva, animada por uma dinâmica de trocas entre os diversos seres que a povoam. A floresta possui um sopro vital, wixia, que é muito longo. Se não a desmatarmos, ela não morrerá. Ela não se decompõe, isto é, não se desfaz. É graças ao seu sopro úmido que as plantas crescem. A floresta não está morta pois, se fosse assim, as florestas não teriam folhas. Tampouco se veria água. Segundo os Yanomami, se os brancos os fizerem desaparecer para desmatá-la e morar no seu lugar, ficarão pobres e acabarão tendo fome e sede.

ALBERT, B. *Yanomami, o espírito da floresta*. Almanaque Brasil Socioambiental. São Paulo: ISA, 2007 (adaptado).

De acordo com o texto, os Yanomami acreditam que

- a) a floresta não possui organismos decompositores.
- b) o potencial econômico da floresta deve ser explorado.
- c) o homem branco convive harmonicamente com urihi.
- d) as folhas e a água são menos importantes para a floresta que seu sopro vital.
- e) Wixia é a capacidade que tem a floresta de se sustentar por meio de processos vitais.

10. TEXTO I

As fronteiras, ao mesmo tempo que se separam, unem e articulam, por elas passando discursos de legitimação da ordem social tanto quanto do conflito

CUNHA, L. *Terras lusitanas e gentes dos brasis: a nação e o seu retrato literário*. Revista Ciências Sociais, n. 2, 2009.

TEXTO II

As últimas barreiras ao livre movimento do dinheiro e das mercadorias e informação que rendem dinheiro andam de mãos dadas com a pressão para cavar novos fossos e erigir novas muralhas que barrem o movimento daqueles que em consequência perdem, física ou espiritualmente, suas raízes.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999..

A ressignificação contemporânea da ideia de fronteira compreende a

- a) liberação da circulação de pessoas.
- b) preponderância dos limites naturais.
- c) supressão dos obstáculos aduaneiros.
- d) desvalorização da noção de nacionalismo.
- e) seletividade dos mecanismos segregadores

Gabarito

1. **B**

No trecho de Luiz Gama, a importância ressaltada nas memórias de sua mãe estavam ligadas à valorização de sua cultura, o que leva a uma resistência à imposição de elementos culturais que lhe eram impostos. Suas estratégias para defender sua cultura foram uma maneira de demonstrar os valores e hábitos que defendia.

2. **E**

A memória trata de conservar, adquirir e armazenar informações que fazem parte de algum momento retratado para um indivíduo. A questão faz menção a uma alteração política que foi vivida que gerou uma mudança cultural impactante num dado período, retratada no momento pela adoção abrupta e generalizada do uso do véu.

3. **B**

A alteridade significa a qualidade do que é do outro. Por isso, o “eu” só pode existir através do contato com o “outro”. A questão aborda a necessidade do exercício da alteridade como algo que vai implementar uma melhor compreensão sobre a cultura de outro povo. Uma ação reflexiva invertida na busca de compreender a perspectiva do outro sobre como enxerga o mundo.

4. **D**

A questão aborda um elemento bastante trabalhado no ENEM: o hibridismo cultural. Quando analisamos questões que falam de cultura, é importante levar em consideração esse conceito, pois o século XX foi marcado pela expansão das culturas para outras regiões. Lembrando que um fator que possibilita muito este acontecimento é o fenômeno da globalização, onde o encurtamento das distâncias através do avanço de tecnologias, levará a cultura de um determinado lugar a um outro antes não pensado.

5. **A**

Estados com políticas que visam garantir o bem estar dos cidadãos criam formas de integrar os indivíduos de todas as etnias no meio social em que estão inseridos, um ótimo exemplo para ilustrar isso são as ações afirmativas, que buscam integrar e valorizar as diferenças, além de gerar oportunidades para indivíduos historicamente desprivilegiados.

6. **E**

A cidade do Rio de Janeiro é contemplada com inúmeras singularidades, sejam elas culturais ou naturais. A proximidade entre o centro urbano, lindas praias, serras e florestas, dentre outras coisas são exemplos dessa conexão.

7. **D**

Cada parte da sociedade era representada por um grupo carnavalesco, principalmente de camadas mais populares. A disputa então ocorria para mostrar qual era mais interessante e quem se destacava mais. Lembrando que a institucionalização efetiva destas disputas formação das Escolas de samba só ocorrem a partir de Getúlio Vargas na década de 1930.

8. B

Uma redefinição do conceito de morte ocorre durante a passagem da Idade Média para a Moderna. Esse tipo de mudança é comum na História e tem muitas variantes. A sociedade é sempre flexível e seus valores mudam.

9. A

Para os Yanomami a floresta não é apenas um recurso para a exploração econômica, e sim um organismo vivo que precisa ser preservado e cuidado, a fim de que não se esgote. Todo o processo biológico da natureza é chamado de Wixia para a tribo; e segundo eles, uma vez que o Wixia se perca, toda a vida humana será diretamente prejudicada, pois todos dependemos da natureza.

10. E

ambos os textos relativizam a ideia de fronteira, pois, ao mesmo tempo em que ela se abre para a livre circulação de dinheiro e mercadorias, ainda representa uma resistência à circulação de pessoas, muitas vezes vista pelas populações nacionais como destruidora de culturas locais